

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **A política**. 15 ed. Rio de Janeiro: Publicações, 1988.

_____. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martins Claret, 2003.

BRUGNERA, Neditso Lauro. **A escravidão em Aristóteles**. Porto Alegre: Grifos, 1998.

HENRIQUE C. de Lima Vaz. **Escritos de filosofia IV: Introdução à Ética filosófica 1**. São Paulo: Loyola, 1999.

REALE, Geovani. **Dário Antiseri: História da filosofia VI**. São Paulo: Paulus, 1990.

SILVEIA, Denis Coitinho. **Os sentidos da Justiça em Aristóteles**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

CONCLUSÃO

Através dos estudos feitos para a realização do presente trabalho, tive a oportunidade de conhecer a virtude na visão de Aristóteles, compreendi através de reflexões que ela é extremamente importante e necessária para a vida de todo e qualquer ser humano, e também percebi que, nos dias atuais, a maioria dos Homens são ignorantes, no que diz respeito à virtude. Sendo assim, o Homem deve, desde pequeno, ser ensinado a buscar o caminho que o leve à virtude, para que ao se tornar adulto, permaneça firme no exercício da mesma.

A virtude não está ao alcance de qualquer Homem, mas, não será através do primeiro obstáculo que se deve desistir, deve sim, se afastar de tudo o que o distancia da virtude, pois esse já é um bom começo. Se o Homem pensa em não ser capaz de alcançar a virtude, deve no mínimo procurar alcançar o ponto mais próximo a ela. Todos os Homens são suscetíveis de erro, mas através dos erros é que se aprende a acertar. Nunca será vencedor aquele que nunca lutar por seus objetivos.

O que fica claro neste trabalho é a necessidade que o ser humano tem de ser virtuoso e a partir daí feliz, e para isto o ideal é seguir sempre o caminho da justiça, da moral e da ética. O que importa ao Homem é viver tendo sempre a consciência de que em tudo o que faz no decorrer da vida, ele tenha dado o melhor possível de si. O que sempre importa é a satisfação pessoal, independente do ponto de vista dos outros, pois se deve permanecer sendo o que se é, buscando assim o que se deseja, e que este desejo seja a virtude.

Todo o conteúdo estudado é de grande importância, tanto para a vida social quanto para a pessoal de cada Homem. A todos nós fica o objetivo de excluir de nossas vidas os vícios e as paixões que possam nos levar a caminhos diferentes ao da virtude, e seguir sempre o melhor caminho, optando pelo meio-termo, pois só assim conseguiremos atingir a Virtude e a Felicidade.

necessário para fazer nascer a virtude em sua alma, e para executar os deveres civis. (ARISTÓTELES, 1988, p.85)

Aqueles que propõem dar aos Estados uma boa constituição devem prestar atenção principalmente nas virtudes e nos vícios que interessem à sociedade civil, e não há nenhuma dúvida de que o verdadeiro Estado deve estimar acima de tudo a virtude.

Com isso fica claro que, se o político não for virtuoso o Estado perecerá, e o caos irá tomar conta, e estará cada vez mais distante da vida feliz, e todos aqueles que o compõem estarão com sua felicidade comprometida, passando a viver cada vez pior: *“É impossível que um Estado seja feliz se dele a honestidade for banida. Não há nada de bom a esperar dele nem tampouco de um particular, sem virtude e a prudência”*. (ARISTÓTELES, 1988, p.58)

O Estado, assim como o Homem, fazendo uso apenas da virtude não alcançará a felicidade, mas sem a mesma jamais chegará a tão desejada felicidade.

Aristóteles nos mostra assim que a virtude é extremamente importante para a vida de qualquer indivíduo ou Estado, porém ela está cada vez mais sendo deixada de lado, e com isso causando sérios problemas para o Homem e o Estado.

banal e vergonhosa como a que esta presente nos dias atuais, mas na verdadeira política onde ela é palavra reta enunciando a lei justa, na qual a vida é tecida por uma mesma lei, implicando a ordem dos poderes ou constituição que é a lei ou poder máximo. A política não é apenas as questões sociais, ela é envolvimento, relação, diálogo, liberdade, mostrando assim que ela é muito abrangente.

E com tudo isso pode ver que para o Estado ter uma vida feliz é necessário que os cidadãos que participam do governo sejam virtuosos, pois se o político for virtuoso realmente irá fazer política.

O político administra a estrutura do Estado, e ele deve conhecer bem o que seja a virtude, e ser um Homem virtuoso, pois lidará constantemente com o poder do qual irá governar os seus concidadãos, e se realmente for virtuoso, fará uso do meio termo, ou seja, não cometerá excessos e nem faltas, mas estará agindo de maneira correta conforme pede cada situação: "É preciso, pois que o melhor governo seja aquele que possua uma constituição tal que todo o cidadão possa ser virtuoso e viver feliz". (ARISTÓTELES, 1988, p.77)

Com tudo isto, pode-se perceber que a melhor constituição e o melhor regime para a maioria dos Estados se mede por um gênero de vida que todos podem alcançar e pelo governo no que o maior número de Estado esteja disposto a receber, e se almejam uma vida feliz, devem tomar consciência de que a vida feliz consiste no livre exercício da virtude, e a virtude na mediania, segue-se necessariamente daí que a melhor vida deve ser a vida media encerrada nos limites do qual todos possam conseguir. O mesmo que se diz da virtude do Estado devemos dizer do governo, que é a vida do Estado inteiro:

Mas já que estamos a examinar qual a constituição política perfeita, sendo essa constituição a que mais contribui para a felicidade não poderia existir sem a virtude, é claro que em um Estado perfeitamente governado e composto de cidadãos que são homens justos no sentido absoluto da palavra, e não relativamente um sistema dado, os cidadãos não devem exercer as artes mecânicas nem as profissões mercantis, porque este gênero de vida tem qualquer coisa de ví, e é contrário à virtude. É preciso mesmo, ara que sejam verdadeiramente cidadãos, que eles não se façam lavradores; porque o descanso lhes é

O Homem é um ser feito para viver em sociedade civil, e por isso, é um animal cívico, e mesmo não tendo necessidade uns dos outros, não deixaria de viver juntos, o que une os Homens e na verdade o interesse comum, pois cada um encontra aí meios de viver melhor. Não é apenas para viver juntos, mas sim para viver bem juntos é que se fez o Estado.

O Estado é formado por pessoas que comandam e por pessoas que obedecem, em outras palavras por governantes e governados, e a virtude é necessária em ambos, pois para governar bem é indispensável que se faça uso da justiça e da moderação, assim como o governado deve ser virtuoso, para cumprir bem todos os seus deveres.

Sobre isso Aristóteles nos fala que: Exigir virtude em um e não em outro seria um absurdo. Se aquele que obedece faltam as virtudes, como ele poderá bem obedecer? Se o que manda não é sóbrio e nem justo, como poderá bem ordenar? Viciado e vadio, não cumprirá nenhum dos seus deveres. É claro, pois, que ambos devem possuir virtudes. (ARISTÓTELES, 1988, p.24)

Todos devem possuir as virtudes morais, mas somente tanto quanto for conveniente a seu Estado e aquele que comanda deve possuir a virtude no seu mais alto grau, e com relação ao homem e a mulher, o pai e aos filhos cada um deve ter sua virtude própria, pois todos eles fazem parte da família, e a mesma faz parte da formação do Estado.

Visto que cada família é uma porção do Estado, visto que as pessoas das quais acabamos de falar são as partes da família, e que a virtude da parte deve ser relativa àquela do todo, é preciso, forçosamente, que se dirija a educação das mulheres e dos filhos segundo a forma do governo, se quer realmente que o Estado, as crianças e as mulheres honrem a virtude. (ARISTÓTELES, 1988, p.25)

O Estado é a forma constante da política e do governo, sendo a constituição política a ordem dos habitantes que o compõem, em outras palavras podemos dizer que a vida de um Estado está contida na política, não numa forma

CAPÍTULO III

A IMPORTÂNCIA DA VIRTUDE PARA O ESTADO E A POLÍTICA

Aristóteles afirma que o Homem em tudo o que faz busca alcançar um bem, ele também acredita que o Estado procura chegar a esse bem em favor de todos aqueles que o compõe, e mesmo sendo um bem tanto para o indivíduo como para o Estado, é evidente que para esse último é mais completo e mais louvável de ser alcançado, pois se refere ao bem viver de toda uma nação. Ele nos fala que o bem supremo a que o Homem e o Estado almejam é a felicidade, que só pode ser alcançada mediante o exercício da virtude, pois para o Estado ser perfeito e ao mesmo tempo feliz e próspero é necessário se praticar o bem, e o bem jamais é possível tanto para o Homem como para o Estado, sem a virtude e a razão.

Com efeito, ainda que tal fim seja o mesmo tanto para o indivíduo, como para o Estado, o deste último parece ser algo maior e mais completo, quer a atingir quer a preservar. Embora valha bem a pena atingir esse fim para um indivíduo só, é mais belo e mais divino alcançá-lo para uma nação ou para as cidades, Estados. (ARISTÓTELES, 2003, p.10)

Todo Estado é uma sociedade que tem como princípio a esperança de um bem, assim como de toda associação, pois todas as ações humanas têm por fim aquilo que consideram um bem. Todas as sociedades, portanto, têm como objetivo obter alguma vantagem, e aquela que é a principal e contém em si todas as outras se propõe a maior vantagem possível, e a isto chamamos de: Estado ou sociedade política.

Assim como a virtude é fundamental para o Homem é também para o Estado, e para esclarecer melhor é necessário que se entenda mais sobre o mesmo.

conhecimento de como são as coisas. A virtude da razão prática é a sabedoria, enquanto a virtude da razão *teorética* e a *sapiência*.

A sabedoria consiste em saber dirigir corretamente a vida do Homem, isto é, em saber deliberar sobre o que é bem ou mal para o Homem. A sabedoria ajuda a deliberar corretamente sobre os verdadeiros fins do Homem, no sentido de indicar os meios capazes para alcançar os verdadeiros fins. Ela ajuda, portanto, o indivíduo a alcançar as coisas que conduzem àqueles fins, não indicando nem determinado os fins. Os verdadeiros fins são captados pela virtude ética que retifica o querer de modo correto, assim sendo, Aristóteles nos diz: *“Resta, pois, a alternativa de ser ela uma capacidade verdadeira e raciocinada de agir com respeito às coisas que são boas ou más para o Homem”*. (ARISTÓTELES, 2003, p.104)

A outra virtude *dianoética* é a sapiência considerada a mais elevada. Esta é constituída, seja pela captação intuitiva dos princípios através do intelecto, seja pelo conhecimento discursivo das conseqüências que derivam daqueles princípios. A sapiência é uma virtude mais elevada que a sabedoria, porque enquanto a sabedoria se ocupa do Homem, isto é, das realidades humanas, a sapiência se ocupa de realidades mais elevadas que o Homem, isto é, das realidades divinas.

Diante de tudo isso se percebe que para se ter uma vida virtuosa e feliz deve-se viver conforme a razão. A vida que for dirigida pela razão consistirá, naquilo que Aristóteles chama de vida virtuosa. Esta vida é aquela em que a capacidade mais importante do Homem, o intelecto, é colocada em prática através da contemplação. A felicidade do Homem só será possível, quando as suas ações estiverem de acordo com a virtude mais elevada, que é a intelectual. Porém não basta conhecer ou saber no que consiste a virtude, é necessário esforçar-se para possuí-la, pois a vida virtuosa exige esforço e não consiste em divertimento.

circunstâncias e como manda a razão, não fugindo do que o atormenta. O Homem não deve fazer face ao perigo por gostar dele, mas porque é nobre agir assim.

- A temperança é o meio-termo em relação aos prazeres, ou seja, consiste em dominar os prazeres. O Homem deve aprender a sentir o prazer de modo certo e no tempo conveniente, principalmente sobre o comer, o beber e as relações sexuais. O Homem temperante não possui gosto por aquilo que não deve ter, não sofre pela falta de prazer, aspirando apenas o que for agradável para a saúde ou a boa condição do corpo, de maneira moderada.
- A justiça é considerada por Aristóteles a mais elevada forma de virtude moral, pois ela é a disposição da alma para fazer o que é justo, agir justamente e desejar o que é justo, e a injustiça é a disposição da alma para fazer o que é injusto e desejar o que é injusto. A justiça é a forma perfeita da virtude porque ela é a prática efetiva da virtude perfeita, pois os Homens que possuem o sentimento de justiça podem praticá-la, não somente em relação a si mesmo, como também em relação aos outros. *“A justiça é, portanto uma virtude completa, porém não em absoluto e sim em relação ao nosso próximo... Por isso a justiça é considerada a melhor das virtudes”.* (ARISTÓTELES, 2003, p.82)

A virtude intelectual deve sua formação e seu crescimento, em grande medida, ao ensino, é por isso que ela necessita de experiência e tempo. As mesmas estão na parte mais elevada da alma, na alma racional e por isso são virtudes da razão. É dado que são duas as partes ou funções da alma racional. Essas duas partes da alma racional são a razão prática e a razão *teorética*, e as respectivas virtudes serão as formas perfeitas com as quais se colhem a verdade prática que tem como função a verdade conforme ao desejo correto, e a verdade *teorética* que tem como função a verdade pura e simples, ou seja, o simples

correto, em suas atitudes por vontade própria, e agindo corretamente irá despertar a admiração e o louvor se tornando um Homem com virtudes.

Segundo Aristóteles, a humanidade busca encontrar a felicidade e ao Homem é dada a capacidade de ser virtuoso em todas as suas ações, porém, a maioria é ignorante a tudo o que se refere à prática da virtude, não age de maneira racional em suas atitudes, faz escolhas erradas por não tomar, a consciência do grande estrago que isso acarretará em sua vida, pois se não souber através de sua escolha, praticar ações realmente dignas de valor, não se tornará virtuoso, não podendo alcançar o êxtase de sua procura, ou seja, a felicidade.

Sendo, pois, o fim aquilo que desejamos, e o meio aquilo acerca do qual deliberamos e que escolhemos, as ações relativas ao meio devem concordar com a escolha e ser voluntárias. Ora, o exercício da virtude diz respeito aos meios. Por conseguinte, a virtude também está em nosso poder, do mesmo modo que o vício, pois quando depende de nós a agir, também depende o não agir, e vice-versa, de modo que *quando temos o poder de agir quando isso é nobre, também temos o de não agir quando é vil, e se está em nosso poder o não agir quando isso é nobre, também está o agir quando isso é vil*. Logo depende de nós praticar atos nobres ou vis, e se é isso que se entende por ser bom ou mau, então depende de nós sermos virtuosos e viciosos. (ARISTÓTELES, 2003, p.47)

Aristóteles faz a divisão da virtude em duas espécies, a virtude ética e a virtude *dianoética*. Entende-se por virtudes éticas, as virtudes adquiridas mediante a repetição de atos e através do hábito de praticar boas ações, sendo assim, são consideradas as virtudes do comportamento, prático, ou morais e constituem no meio-termo, ou posição média entre dois extremos das paixões, dos vícios, pois, está claro que não há virtude quando existe excesso ou falta.

Muitas são as virtudes morais, mas para demonstrar a argumentação do meio-termo serão analisados alguns exemplos:

- A coragem é o meio-termo em relação aos sentimentos de medo e confiança. O Homem corajoso age e sente de acordo com o mérito das

A ação involuntária também pode ser aquela que é praticada sem ter consciência daquilo que se está fazendo ou, melhor dizendo, por ignorância, mas somente nos casos em que são seguidos de dor e arrependimentos.

As virtudes têm como características a escolha ou envolvem escolha por isso a mesma diz mais respeito às virtudes que às ações.

O Homem, em tudo o que faz, está sempre escolhendo alguma coisa, e a qualidade de vida que ele tem depende de sua escolha. Mas ela se refere a um meio e não a um fim, o Homem escolhe aquilo que está ao seu alcance. Deseja a felicidade, não a escolhe, pois ela é um fim, ele escolhe os meios para alcançá-la.

Aristóteles reconhece a importância da mesma, e quando ele fala de escolha, não é qualquer uma, se trata daquela que é feita livremente e de forma reflexiva. A escolha é uma aspiração racional do possível, do deliberado. A deliberação é sempre algo que se pode alcançar, está relacionado com os meios e pressupõe um determinado fim, e sua função está no melhor meio para chegar ao fim que se quer.

A escolha se diferencia da deliberação no sentido de que a deliberação estabelece quais são as diferentes ações e meios que são necessários fazer para alcançar certos fins, enquanto que a escolha age sobre as ações, excluindo as que não podem ser realizadas e colocando em prática as que podem. Aristóteles faz essa distinção:

O objeto da deliberação e o objeto da escolha são uma e a mesma coisa, com ressalva de que o objeto da escolha já está determinado, uma vez que aquilo que foi decidido em decorrência da deliberação, é o objeto da escolha. De fato, o homem para de perguntar-se como deve agir, logo que traz de volta a origem da ação a si mesmo e à parte dominante de si mesmo, pois é esta parte dominante que escolhe. (ARISTÓTELES, 2003, p.45-46)

O Homem que é um ser pensante, usa a razão e é responsável pelo que escolher, e se age corretamente irá escolher o que estiver mais próximo do

o que acha que é bom, ou até mesmo os que querem fugir da responsabilidade das atitudes mal feitas, visando ser beneficiado pelas boas ações.

Mas o Homem só pode ser responsabilizado por suas ações se as mesmas forem por vontade próprias ou voluntárias, pois, somente pelas ações voluntárias que os Homens podem ser louvados ou censurados.

Vamos desta forma, fazer uma distinção da ação voluntária e da ação involuntária, sendo a ação toda e qualquer atitude humana.

A ação voluntária é quando o Homem conhece as circunstâncias particulares em que se está agindo, e a origem da ação está em quem vai agir.

A ação involuntária é a ação sob dominação e coerção ou por ignorância.

A ação involuntária por dominação é aquela que realizamos por motivo de força maior, sendo assim, o ato tem sua origem fora do agente e o mesmo não participa da ação, mas é influenciado por ela, por exemplo, um Homem que é arrastado por uma enchente. A ação é involuntária, mas o ato é consciente, ou seja, sabe o que está acontecendo.

Nas ações concretas, e em circunstâncias particulares, muitas vezes é preferível enfrentar a morte a tomar certas atitudes. Fica complicado saber o que deve ser feito, e o que não deve ser feito, e através da moral o Homem tomará a decisão cabível a cada situação.

É por vezes difícil determinar o que se deveria escolher e a que custo e o que deve ser suportado em troca de que vantagem; e ainda mais difícil é permanecer firme nas resoluções tomadas, pois por via de regra o que se espera é doloroso e o que somos forçados a fazer é vil; donde serem objeto de louvor e censura aqueles que foram ou que não foram compelidos a agir. (ARISTÓTELES, 2003, p.24)

Como se referiu no início, a virtude não é medida nem pelo excesso, nem pela carência, pois sendo assim, não é virtude. A virtude é o meio-termo.

O Homem virtuoso é aquele que sabe agir de maneira adequada a cada momento, sem excesso ou sem carência, sabendo agir na mediania.

Por exemplo: Não há necessidade de se tomar vários litros de água, mas também não se deve tomar uma quantidade inferior que a exigida pelo nosso organismo, sendo assim, deve-se optar pelo meio-termo, tomando a quantidade adequada.

Para esclarecer o que significa o meio-termo em nossas vidas, se pode dizer que ele é o que leva o Homem à virtude.

Por exemplo: Em relação aos sentimentos de medo e confiança, a coragem é o meio-termo. Mas, por quê? Porque não é considerado virtuoso o Homem que excede em confiança, como não é também o que possui pouca confiança. O Homem não deve ter nem pouca, nem muita confiança e assim é também em relação ao medo, o correto é possuir coragem, nela está o meio-termo. O que torna o Homem virtuoso é a mediação.

Assim sendo, Aristóteles diz: A virtude é, pois uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consistente numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática. E é um meio-termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta, pois que, enquanto os vícios ou vão muito longe ou ficam aquém do que é conveniente no tocante as ações e paixões, a virtude encontra e escolhe o meio-termo. (ARISTÓTELES, 2003, p.33)

Agir de acordo com o meio-termo é o ideal, mas ficou claro que não é fácil.

O autor analisa que a virtude está relacionada com ações e paixões e toma a posição de que o Homem é responsável pelas suas atitudes, é ele quem escolhe como vai agir, não desculpando assim, aqueles que dizem estar seguindo

firme em sua decisão, não se abalando, por outras opiniões, e depois da escolha feita não se deve voltar atrás, mas seguir em frente firme e imutável.

A partir destas condições se define de maneira coerente o que é virtude, o que significa ser virtuoso. Ficou evidente que a virtude é uma propensão privilegiada que alguns seres humanos possuem, em ser firmes em suas vontades.

Isto acontece quando o homem possui uma personalidade firme, imutável, o Homem é o que deseja ser, sem admitir a influência de vícios e paixões que lhe podem causar danos, lhe afastando do caminho da verdade.

Quanto à origem da virtude, Aristóteles explica que na alma existem três dimensões: paixões, faculdades e disposições, e a virtude deve estar em uma delas. A virtude não pode ser um sentimento parecido com o desejo, o medo e a inveja, porque os Homens não são considerados virtuosos ou viciosos por sentirem tais emoções, pois, nem implicam escolha, nem são o manter de uma atitude. Por razões semelhantes, a virtude não pode ser uma simples faculdade ou capacidade de sentir emoções. Portanto, deve ser uma disposição resultante do desenvolvimento de uma capacidade, pelo exercício inerente a essa capacidade.

Mas não basta definir a virtude como uma disposição de caráter ou uma personalidade imutável, é necessário dizer a espécie de disposição, que é a virtude.

Há três tipos de disposições, sendo duas delas viciosas nas quais envolvem excesso e carência respectivamente, e a terceira uma virtude, o termo médio ou meio-termo.

O meio-termo ou termo médio não é divisão e sim medida que seja suficiente em relação a cada Homem em particular.

levar a sua ausência, isso depende do ato que praticamos. Essas atividades são semelhantes e são elas que dão origem a diferenças de caráter do Homem.

Um outro ponto que é necessário esclarecer é o de que, ao realizar algo se deve tomar cuidado para não exagerar, nem fazê-lo de forma insuficiente. Tudo o que o Homem faz, exige proporções, se não corretas o mais próximo das corretas. O que é demais passa do suficiente e deixa de ser correto e assim também, o que falta também é prejudicial, o ideal é a proporção correta a mediania.

Para se tornar virtuoso o ser humano terá que aprender a lidar e controlar seus impulsos, suas paixões e seus vícios, sabendo que por paixões se entende aqui como sendo ação de controle e direção por parte de determinada emoção sobre toda a personalidade de um indivíduo. E por vícios se entende que é a falta ou deficiência de alguma característica que um indivíduo qualquer deveria ter segundo a regra ou a norma que lhe diga respeito.

Não há como conviver somente com momentos bons ou somente com momentos ruins, é tarefa do ser do ser humano escolher de maneira racional, optando pelo que lhe for correto, tanto pessoalmente, quanto moralmente e também dentro da Ética. Não se pode negar que ao Homem isto não é fácil. Os vícios e as paixões são bem mais atraentes que a virtude, não desmerecendo, ou dando menor valor à virtude.

O problema, é que o caminho que leva às paixões e aos vícios é bem mais curto e de fácil acesso, enquanto o caminho que leva à virtude é longo e necessita de muita dedicação e perseverança. O Homem deve ter a consciência de que a virtude é um bem a ser zelado sempre, e muito bem zelado.

Algumas das condições para ser virtuoso é ter consciência de seus atos, escolhendo-os após julgar que é o melhor para si, e para a sua vida, deve ser uma escolha justa. E a partir do momento em que o escolhe, deve manter-se

racional pertencente somente ao Homem, controlando seus impulsos e tendências. E também tem a função intelectual que é a mais elevada da alma onde se encontra a razão.

A alma é o que torna possível a virtude, visto que a mesma depende de conhecimento e da capacidade de examinar e resolver para administrar as ações humanas.

Aristóteles explica a virtude como sendo o hábito que torna o Homem bom e lhe permite cumprir bem a sua tarefa.

Se o Homem pratica ações virtuosas, terá uma vida tranqüila sabendo resolver os problemas de forma racional, ficando cada vez mais fácil alcançar a felicidade.

A virtude não é inata, não é possível nascer sendo um Homem virtuoso, isso acontece a partir do momento em que ele nasce. Através da sua formação em meio a sua família e a sociedade é que se vai reconhecendo as éticas morais e assim, se tornando ou não Homens virtuosos. Somente através dos seus atos, formam-se Homens justos ou injustos, sabendo que justo é aquele que age conforme a lei, é distinto e imparcial e o injusto é o inverso, não sendo possível, nascer justo ou injusto, bom o mal. A partir do meio em que se vive se desenvolve o caráter.

A respeito disso Aristóteles diz: "Por conseguinte, as ações são chamadas justas e temperantes quando são tais como as que praticaria o homem justo ou temperante; mas não é temperante o homem que a pratica, e sim o que as pratica tal como o fazem os justos e temperantes. É acertado, pois dizer que pela prática de atos justos se gera o homem justo, e pela prática de atos temperantes, o homem temperante; sem essa prática ninguém teria sequer a possibilidade de tornar-se bom. (ARISTÓTELES, 2003, p.31)

Se, praticando atos justos nos tornamos justos e com atos injustos nos tornamos injustos. Assim sendo, o mesmo que dá origem a virtude, também pode

CAPÍTULO II

A VIRTUDE PARA ARISTÓTELES

Como já vimos, Aristóteles define a felicidade como sendo uma certa atividade da alma, dirigida pela virtude perfeita. Sendo assim é importante explicar no que consiste a virtude humana, e para entender o conceito de virtude, é necessário conhecer o significado da alma.

Para Aristóteles o que diferencia os Homens, os animais e as plantas dos outros seres é o fato deles possuírem alma, e conseqüentemente terem vida. Para explicar em que consiste propriamente a alma parte da concepção *hilemórfica*, onde os seres animados são compostos de matéria e forma. A forma é para ele a essência, aquilo que faz com que os seres sejam o que é enquanto que a matéria é aquilo de que é feito algo. Matéria e forma constituem uma substância que é absolutamente indivisível. Evidentemente que para Aristóteles matéria e forma são corpo e alma respectivamente, sendo também inseparáveis onde um sem o outro perde o sentido. A alma é o princípio de todas as funções vitais, desde a assimilação até a inteligência, ou seja, é aquilo pelo qual vivemos, sentimos e pensamos. Ele diz: *“Portanto, a alma é inteligível primeira de um corpo físico que tem a vida em potência”*. (REALE, 1990, p.198).

Todos os seres vivos precisam nutrir-se para sobreviver, outros se movem e possuem sensações e outros podem escolher, conhecer e deliberar. Como a alma é o princípio da vida ela tem funções que comandam essas operações, podendo ser chamadas de vegetativa, sensitiva e intelectiva.

A função vegetativa é o princípio mais elementar da vida, ela governa e regula as atividades biológicas, como a nutrição e a reprodução. A função sensitiva é comum, aos animais e ao Homem, ela comanda as sensações, apetites e movimentos, e em certo sentido participa da razão tendo um princípio

Aristóteles, buscando facilitar a explicação sobre o que é essa tal felicidade, procura conhecer sobre qual é a função do Homem, visto que tudo tem uma função específica, em comum com os outros seres ele tem o crescimento e a reprodução que é compartilhada com os animais e plantas e a sensação só com os animais. O que torna o Homem especial e diferente dos outros seres é o fato dele ser pensante, de agir racionalmente, compreender as coisas que o cerca, mas nem tudo que ele faz é em função da felicidade, sendo ele um ser pensante, tem que exercitar a razão para poder chegar a ela.

Afirmamos ser a função do homem uma certa espécie de vida, e esta vida uma atividade ou ações da alma que implicam um princípio racional; e acrescentamos que a função de um bom homem é uma boa e nobre realização das mesmas. (ARISTÓTELES, 2003, p. 16)

Viver racionalmente é a finalidade do Homem, e o seu bem verdadeiro consiste na atividade da razão. Isso se torna a virtude do Homem e é nessa virtude do Homem que se deve buscar a felicidade. Mas a virtude do Homem não é uma atividade do corpo, é uma virtude da alma, concluindo, portanto, que a felicidade é uma atividade própria da alma conforme a virtude.

Se estabelecemos como função própria do homem certo tipo de vida (precisamente essa atividade da alma e as ações acompanhadas da razão) e como função própria do homem de valor o concretizá-lo bem e perfeitamente (...), então o bem do homem consiste em uma atividade da alma segundo a sua virtude, quando as virtudes são mais de uma, segundo a melhor e mais perfeita. (REALE, 1990, p.203-204)

Viver de maneira virtuosa é indispensável para se alcançar a felicidade, mas a virtude por si só não faz o Homem feliz, mas sem virtude não é possível atingir a plena felicidade.

A prática virtuosa é muito importante ao Homem, isso faz com que ele viva bem, tendo menos problemas no seu dia-a-dia.

alcançar um fim, que é o mesmo que o bem. O bem é algo real, objeto, ou objetivo de toda atividade que satisfaz determinada necessidade humana, que responde aos interesses ou aspirações dos Homens, e o fim que todos os Homens aspiram. Aristóteles diz: "o bem é aquilo a que todas as coisas tendem". (ARISTÓTELES, 2003, p. 9)

Existem bens que são desejados em relação a outros bens, acreditando que nem todos os bens são absolutos, mas isso poderia levar ao pensamento de um processo sem fim, portanto, é necessário pensar que todas as ações humanas estão sob a dependência de um fim que desejamos em função de si mesmo, isto é, de um fim absoluto.

Para Aristóteles, em tudo o que fazemos existe um fim que queremos por ele mesmo, evidentemente tal fim será o bem tão buscado pelo Homem, ou seja, o bem supremo, que é claramente algo de absoluto e de auto-suficiente, e não desejado no interesse de outra coisa mais absoluta e sim de si mesmo. Sendo assim, a maioria dos Homens, com vários níveis de conhecimento o identificam com a felicidade.

Segundo Aristóteles, "tanto a maioria dos homens quanto as pessoas mais qualificadas dizem que este bem supremo é a felicidade e consideram que viver bem e ir bem equivale a ser feliz; quanto ao que é realmente a felicidade, há divergências, e a maioria das pessoas não sustenta opinião idêntica dos sábios". (ARISTÓTELES, 2003, p.18-25)

A felicidade parece existir simplesmente porque a desejamos, mas não em função ou interesse de alcançar outro fim, pois é notado que é qualquer coisa perfeita não encontrada em qualquer lugar, e que basta a si mesmo, sendo considerada a finalidade da ação. Admitindo que a felicidade é aquilo que há de melhor, e é identificada como o bem supremo, é desejoso conhecer mais claramente o que seja realmente a felicidade, para conseguir entender qual é a obra do Homem.

CAPÍTULO I

A FELICIDADE E A VIRTUDE

O Homem por toda a sua vida tem uma luta constante pela felicidade, e acreditar que ela pode ser alcançada, muitas das vezes, é o fio de esperança que nos mantém perseverantes diante às mais difíceis situações, não deixando que os problemas e dificuldades atrapalhem em sua busca.

O Homem é um ser pensante que pode escolher o que é melhor para si e conseguir a felicidade, mas nem sempre ele sabe o que está fazendo e muitas vezes não sabe o que é felicidade.

Ao contrário do que muitos pensam, esta não pode ser encontrada no prazer, na honra ou na riqueza. O prazer é um momento de euforia, a honra não depende só do Homem, e a riqueza destrói a dignidade humana, sendo considerada como uma idéia absurda. Tudo isso é confundido com a felicidade, por aqueles que não conhecem realmente o que ela seja, mas a mesma não pode estar em momentos passageiros, e nem tão pouco pode ser momentos, ela é um estado de espírito que por si só torna a vida digna de ser escolhida, é auto-suficiente, e sempre é escolhida por si própria e nunca como um meio de se atingir outra coisa.

Porém, quanto ao que seja a felicidade, e o vulgo não o concebe do mesmo modo que os sábios. Os primeiros pensam que seja alguma coisa simples e óbvia, como o prazer, a riqueza ou as honras, muito embora discordem entre si; e não raro o mesmo homem a identifica com diferentes coisas, com a saúde quando está doente, e com a riqueza quando é pobre. (ARISTÓTELES, 2003, p. 11)

Aristóteles tenta mostrar o caminho para a felicidade. Ele afirma que o Homem possui diferentes ações, e tudo o que ele faz é com o objetivo de

o Estado, e é essencial que tanto o Homem como o Estado façam uso da virtude e da razão visando uma vida perfeita e feliz.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de dissertação filosófica tem por objetivo fazer uma reflexão baseada no pensamento de Aristóteles e fundamentada na obra “Ética a Nicômaco”, sobre a importância da virtude para a felicidade, mostrando que a virtude é o princípio e forma para se alcançar a felicidade considerada o bem supremo do Homem.

O trabalho foi dividido em três capítulos e no primeiro será falado sobre o bem supremo do homem que é a felicidade, que não pode ser encontrada em qualquer lugar, também será mostrado o caminho que Aristóteles indica para que o Homem encontre a felicidade, falando também da função humana para assim poder esclarecer sobre o que realmente seja a felicidade.

No segundo capítulo será mostrada a visão de Aristóteles sobre o que seja a virtude, mas inicialmente será esclarecido o que é a alma, a sua divisão e a função de cada um de suas partes. Em seguida o assunto a ser tratado será a virtude, e aí será falado como a mesma é adquirida, qual é a sua função e origem, assim como também a importância da mesma para a vida do Homem. Será falado que a virtude é o meio termo e da relação dela com as ações e paixões se fazendo a distinção entre ato voluntário e ato involuntário e também sobre a escolha.

Será falado um pouco sobre os assuntos relacionados à virtude, bem como a divisão da mesma em éticas ou morais e dianóéticas ou racionais, em que será feita uma explanação do que vem a ser cada uma e como são aplicadas, deixando bem claro que a virtude é essencial à vida do Homem que quer ser feliz.

O terceiro e último capítulo será sobre a virtude para a política, em que mostra a forma como o Homem busca alcançar a felicidade, assim também o faz

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
CAPÍTULO I	06
A FELICIDADE E A VIRTUDE	06
CAPÍTULO II	09
A virtude para Aristóteles	09
CAPÍTULO III	19
A IMPORTÂNCIA DA VIRTUDE PARA O ESTADO E A POLÍTICA	19
CONCLUSÃO	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

O Homem, quando virtuoso, é o mais excelente dos animais, mas, separado da lei e da justiça, é o pior de todos.

Aristóteles

CLAUDILÉIA CANDIDO CORDEIRO

A VIRTUDE NA ÉTICA A NICÔMACO DE ARISTÓTELES

Monografia apresentada em 16 de dezembro de 2004 como parte
das exigências do Curso de Filosofia.



Sandro Henrique Ribeiro
Orientador

CLAUDILEÍA CANDIDO CORDEIRO



A VIRTUDE NA ÉTICA A NICÔMACO DE ARISTÓTELES

Dissertação filosófica apresentada como exigência para conclusão do curso de Filosofia na Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, sob a orientação do professor Sandro Henrique.

Rubiataba-GO

2004

14912

30787
Sauri

Tombo nº	9443
Classif.:
Ex.:	1
.....
.....
Origem:	d
Data:	19-02-05

CLAUDILÉIA CANDIDO CORDEIRO



A VIRTUDE NA ÉTICA A NICÔMACO DE ARISTÓTELES

Rubiataba-GO

2004

Tombo n°
Classif:
Ex.:
.....
.....
.....
Origem:
Data: